ENTREVISTA COM UM PSICÓLOGO HUMANISTA: reflexões sobre a prática dos pilares da abordagem fenomenológico-existencial humanista

Alessandra Pereira Salgado Raydan[1]
Luciana Almeida de Souza[1]
Maria Aparecida de França[1]
Rosângela Angélica de Miranda[1]
Daniel Marcos Andrade[2]

[1] Graduandos(as) do curso de Psicologia do Centro Universitário Universo Belo Horizonte – Teoria Humanista, Existencial e Fenomenológica.
[2] Professor orientador do curso de Psicologia do Centro Universitário Universo Belo Horizonte. Doutor em Psicologia do Desenvolvimento Humano (UFMG). E-mail para correspondência: psicodanielandrade@gmail.com.

RESUMO

Este relato apresenta e discute uma entrevista semiestruturada realizada por estudantes do sétimo período de Psicologia com um psicólogo clínico de orientação humanista, formado em 2024, que fundamenta sua prática na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). O objetivo foi refletir sobre como os pilares teóricos da abordagem fenomenológico-existencial humanista se traduzem na prática clínica cotidiana. Foram abordados o perfil e a formação do entrevistado, sua postura clínica e visão do humanismo, a inserção no mercado de trabalho e o uso de tecnologias, o manejo clínico e a dinâmica dos atendimentos, bem como o atravessamento clínico e a autonomia do cliente. O relato evidencia a centralidade da relação terapêutica, da congruência, da aceitação positiva incondicional e da compreensão empática, além de desafios contemporâneos como o atendimento on-line e a construção da carreira de psicólogos recém-formados. Conclui-se que a entrevista com profissionais em atuação aproxima a teoria humanista da prática e contribui para a formação de estudantes, ao mostrar como os princípios da ACP são vividos na clínica.

Palavras-chave: Abordagem Centrada na Pessoa. Psicologia humanista. Relação terapêutica. Prática clínica.

1 INTRODUÇÃO E PERFIL DO ENTREVISTADO

O presente relatório expõe os principais pontos abordados durante uma entrevista semiestruturada realizada com o psicólogo o entrevistado, graduado no ano de 2024, através de vídeo (meet Google na data 27/10/2026). O objetivo do encontro foi compreender a transposição dos conceitos teóricos da Psicologia Humanista para a prática clínica diária, além de conhecer um pouco sobre sua experiência , bem como a inserção do profissional no mercado de trabalho atual.

o entrevistado pontuou que possui duas outras graduações e que a escolha da Psicologia decorreu de sua própria experiência prévia como cliente em psicoterapia, processo que manteve inclusive de forma contínua durante o período da pandemia da COVID-19. No suporte de sua prática, o profissional realiza supervisões clínicas em formato grupal. A

identificação com a abordagem existencial-humanismo ocorreu através do contato prévio com a logoterapia e a forma de compreender o ser humano.

A Abordagem Centrada na Pessoa parte da hipótese de que o cliente dispõe de recursos para o próprio crescimento, que podem ser mobilizados quando o terapeuta oferece congruência, aceitação positiva incondicional e compreensão empática (ROGERS, 2009). Essas atitudes não constituem técnicas, mas uma postura ética diante do outro, que sustenta a relação como lugar de mudança (AMATUZZI, 2010). Na perspectiva fenomenológico-existencial, a escuta clínica busca acompanhar o modo como o cliente vive e significa sua experiência, sem impor interpretações prévias (FEIJOO, 2000).

2 MÉTODO

Trata-se de relato de entrevista semiestruturada, de abordagem qualitativa, realizada on-line por meio da plataforma Google Meet em 27 de outubro de 2026. O entrevistado é identificado apenas por sua formação e abordagem, para preservar seu anonimato. As respostas foram organizadas nos eixos temáticos apresentados a seguir.

O entrevistado é psicólogo clínico de abordagem humanista (Abordagem Centrada na Pessoa – ACP), formado no ano de 2024.

3 POSTURA CLÍNICA E A VISÃO DO HUMANISMO

Para o entrevistado, a essência do Humanismo resume-se em "como a terapia enxerga o ser humano", ou seja, um indivíduo único, com experiências subjetivas e livre arbítrio para tomada de decisões, pautando-se predominantemente nos preceitos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). A característica mais marcante observada na conduta de o entrevistado é a sua profunda congruência, ou seja, a autenticidade entre sua postura pessoal e profissional. Ele defende que a clareza e a transparência são fundamentais na relação terapêutica, argumentando que o psicólogo não deve tentar demonstrar uma imagem artificial ou simular o que não é. Sob essa ótica, o profissional assume a premissa de que não possui todas as respostas prontas; a clínica é um espaço de aprendizado diário e de construção, cujo papel principal é buscar compreender as demandas trazidas para ajudar o cliente a elucidar suas próprias questões.

Embora sua práxis seja essencialmente norteada pelos valores humanistas, o entrevistado pontuou que recorre a ferramentas e intervenções da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) de forma complementar quando a demanda do paciente exige uma estruturação diferenciada, sem que isso fira o seu compromisso ético e humanitário

fundamental. Enfatiza que a possibilidade do uso de outros recursos não significa deixar de lado os princípios éticos e humanizados que orientam seu trabalho. Pontuou também, que os clientes tendem a aderir ao processo quando compreendem o sentido do processo terapêutico.

o entrevistado apontou que alguns clientes chegam ao consultório esperando orientação diretiva ou validação de decisões. No entanto, os clientes mais propensos a aderir à terapia são aqueles que compreendem o sentido do processo. Pontuou que o pedido de tarefas por parte dos clientes pode expressar expectativas de diretividade ou repetição de experiência terapêutica anterior. E quando houver pedidos de tarefas, o psicólogo deve explorar antes o significado clínico dessa demanda. Ele não costuma encerrar uma sessão com prescrição mecânica de exercícios e sim com propostas de reflexões e possíveis ações concretas. Quando o cliente verbaliza pouco durante as sessões, o entrevistado procura variar a forma de abordagem e utiliza temas facilitadores ou recorre a própria anamnese, levando o cliente a refletir sobre o que é posto. Ademais, o encaminhamento a outro profissional ocorre quando não é possível criar um vínculo entre as partes ou inexiste abertura suficiente para a continuidade do processo. A alta terapêutica ocorre quando há compreensão ampliada do problema por parte do cliente, com uma maior autonomia e com possibilidade de testar novos posicionamentos fora da terapia.

4 INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO E O USO DAS TECNOLOGIAS

No que tange ao posicionamento de mercado, o percurso de o entrevistado reflete uma busca estrita pela autenticidade. Após a sua formação em 2024, o psicólogo optou por não fazer uso de redes sociais por um longo período para a captação de clientes. Seu crescimento profissional deu-se de maneira estritamente orgânica, fundamentado no reconhecimento de seu trabalho: os pacientes identificavam-se com o seu manejo clínico e indicavam seus serviços a terceiros através do fluxo espontâneo do "boca a boca".

Recentemente, o profissional passou a utilizar as plataformas digitais, contudo, restringe sua atuação à divulgação de conteúdos estritamente informativos e autorais. o entrevistado posiciona-se firmemente contra a utilização de Inteligência Artificial (IA) para a produção de textos e estratégias de marketing na área da Psicologia. Na visão do entrevistado, a automatização e a artificialidade rompem o princípio da congruência e da conexão genuína que devem balizar o primeiro contato entre o psicoterapeuta e a comunidade.

5 MANEJO CLÍNICO E DINÂMICA DOS ATENDIMENTOS

O primeiro atendimento é conduzido de forma a esclarecer o método de trabalho adotado, conferindo total autonomia para que o sujeito avalie se deseja ou não dar seguimento ao processo psicoterapêutico. No cotidiano da clínica, o profissional lida com queixas diversificadas, tais como conflitos conjugais, infidelidade e o manejo de sintomas agudos. Diante de crises de ansiedade, o entrevistado realiza intervenções focadas nos momentos em que o paciente manifesta uma fala excessivamente acelerada ou quando este sinaliza a necessidade de compreender o funcionamento de sua própria angústia.

Nos Atendimentos em que o paciente demonstra forte inibição ou dificuldade crônica para verbalizar suas emoções, o entrevistado diz manter a calma e respeitar o tempo do cliente, sustentando rigorosamente uma postura não-impositiva que respeite os limites singulares do indivíduo, durante todo o processo terapêutico, até que o cliente se encontre preparado para a alta clínica.

6 REFLEXÕES SOBRE O ATRAVESSAMENTO CLÍNICO E A AUTONOMIA DO CLIENTE

Ao ser questionado pelo grupo sobre como manejar situações e demandas clínicas que geram ressonância ou atravessamentos pessoais devido às próprias crenças e vivências do terapeuta, o entrevistado ofereceu uma rica reflexão ética. Ele destacou que sofrer impactos emocionais diante das dores do cliente é uma condição inerente à dimensão humana do psicólogo. Contudo, o diferencial reside em como o profissional reage a esse impacto. Há a total liberdade ética de o terapeuta aceitar o caso ou realizar o devido encaminhamento caso avalie que a demanda se sobrepõe à sua neutralidade ou capacidade de manejo.

Se a escolha for por conduzir o processo, o dever do psicólogo é oferecer o melhor de seus recursos técnicos e humanos, buscar também atendimento próprio com seu terapeuta expondo a situação e dificuldade para se tratar e desfazendo-se de expectativas idealizadas. Ressaltou ainda, que o terapeuta deve evitar criar expectativas sobre como o paciente deveria agir ou sobre os resultados que espera alcançar.

O cliente busca a terapia impulsionado por suas próprias carências e objetivos, cabendo unicamente a ele decidir se permanece ou se retira da relação terapêutica. Desse modo, o encerramento prematuro ou a não adaptação por parte do cliente não deve ser encarados como um fracasso pessoal do terapeuta, mas sim como o exercício legítimo da autonomia do sujeito, cuja busca pode estar direcionada a outra abordagem teórica ou a um momento de vida distinto. o entrevistado frisou que “ninguém estará 100% pronto”, desta

forma, o profissional deve olhar para o problema, compreender com clareza, os atravessadores e decidir se continua ou não, pois esta escolha compete apenas ao profissional.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, Mauro Martins. Rogers: ética humanista e psicoterapia. Campinas: Alínea, 2010.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. São Paulo: Vetor, 2000.

ROGERS, Carl Ransom. Tornar-se pessoa. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.